

Bem-Aventurados os Felizes

De uma coisa estou certo: o Senhor não nos trata segundo as nossas faltas. Isso foi dito pelo apóstolo Paulo, que, segundo suas confissões registradas em suas cartas, carregava em sua própria carne um espinho.

Deus realmente não usa nossos pecados como critério para nos amar. Ele simplesmente ama. Independente do que somos, do que fizemos no passado, fazemos ou faremos no futuro, o amor de Deus é imutável. Nada que façamos ou deixemos de fazer fará com que ele nos ame menos. Nada que façamos também fará com que Deus nos ame mais. Porque ele sempre nos ama com a totalidade do seu amor.

Então quer dizer que o pecado não desagrada o coração de Deus e que a justiça não o agrada?

Não é isso. Claro que o pecado é uma ofensa e não é agradável ao Senhor. Óbvio também que ele se alegra com a retidão do justo. Porém, o próprio Jesus revela que ele se rejubila mais por um pecador que se converte do que por 99 justos que já estão salvos. Ou seja, embora ele possa aprovar ou reprovar nossas atitudes, isso não altera a intensidade do amor dele por cada pessoa. Assim como um pai ou uma mãe não deixa de amar seu filho, mesmo que este faça algo que o desagrada. E ainda que advirtam rispidamente ou até o punam, os pais não deixam de amar o filho. Muito mais o amor de Deus, que é infinitamente mais perfeito que o nosso, se mantém firme e inalterado.

Mas alguém pode perguntar: então, se nenhum gesto nosso altera a intensidade do amor de Deus por cada pessoa, então por que o Senhor insiste tanto para que sejamos santos como ele é santo?

Porque santidade rima com felicidade.

Não existe santo infeliz, porque a verdadeira felicidade está intimamente ligada à santidade. Ser santo é ser feliz. É a isso que o Senhor nos chama. À felicidade. Felicidade verdadeira, que vem do coração de Deus. A felicidade do céu, que independe das situações para estar presente. Apesar das dores, dos sofrimentos que são corriqueiros nesta vida, permaneço feliz. Mesmo que hoje eu esteja triste, continuo feliz. E se amanhã alguma situação me alegra, a felicidade continua comigo. Se vivo numa casa bonita e ampla, sou feliz. Se habito num “apartamento”, sigo feliz.

O maior desejo de Deus a nosso respeito é que descubramos a verdadeira felicidade, que vem dele. Quando nos lançamos em seus braços, ele nos conduz à descoberta de nós mesmos. Ele nos faz descobrir quem realmente somos, a nossa verdade mais profunda, a criança que há dentro de nós, escondida lá no mais profundo de nós, o Eu original, criado pelo próprio Deus à sua imagem e semelhança. Aproximando-se de si mesmo, nos aproximamos do Criador. Vendo-nos como verdadeiramente somos, descobrimos os traços de Deus que carregamos em nós e começamos a conhecer a pessoa de Deus. Não apenas suas palavras e suas ordens, mas a ele próprio. Começamos a conhecer a Deus pessoalmente. A partir daí, iniciamos uma relação com a pessoa de Deus. E quando isso acontece, começamos a ser felizes.

A grande dificuldade do homem para ser feliz é justamente por achar que a felicidade está fora, que é algo que se conquista a partir de situações e posses. Uns não são felizes porque lhes falta um amor, outros, porque o amor de alguém os sufoca. Uns se dizem infelizes porque têm pouco dinheiro, passam os dias trabalhando e fazendo contas para conseguir

pagar as despesas do mês. Outros podem comprar tudo o que querem, mas sofrem com a solidão, não se abrem às amizades, por causa de más experiências com “amigos” interesseiros.

Enfim, o ser humano está sempre insatisfeito, pois acha que o objeto da sua felicidade ou a causa da sua infelicidade está fora, nas coisas, nas circunstâncias. Quando, na verdade, para ser feliz é preciso olhar para dentro e encontrar o grande tesouro que há em nós: aquilo que somos na essência e que nos revela o rosto de Deus.

Ver a face de Deus, certamente, deve ser o ápice supremo da alegria. É a felicidade plena. Tenho para mim que os bebês a vêem constantemente. Ou pelo menos a viram a tão pouco tempo que ainda se lembram nitidamente da sua beleza. Já percebeu como as crianças sabem ser felizes? Como se alegram com as mínimas coisas, se encantam com tudo ao seu redor! Elas desaprendem a felicidade conosco, os adultos. À medida que crescem, vão entrando nos nossos padrões e vão aprendendo conosco que tudo é normal, tudo é corriqueiro, tudo é rotina. Mas será realmente que cada pôr do sol, que a cada dia pinta um desenho diferente nos céus das cidades, é algo rotineiro? Será que a noite, o dia, a chuva, os animais, as estrelas, a lua, a vida é corriqueira e normal? Certamente não. Nós é que desaprendemos a observar.

Talvez por isso Jesus diga que quem não se tornar como uma criança, não entra no reino dos céus. Certamente por isso também, ele tenha dito que os anjos da guarda das crianças estão constantemente diante da face de Deus. Quem não aprende a ser feliz como uma criança, não entra no céu. Quem não aprende a se encantar com a face de Deus em cada mínimo detalhe da vida, não entra no céu. No céu não cabe a infelicidade.

Então quer dizer que se alguém se acha infeliz não vai para o céu? Pode ir, mas só depois que descobrir a verdadeira felicidade.

É para isso que existe o purgatório. Isso mesmo. O purgatório é lugar (ou tempo) de descobrir a felicidade. Aquela verdadeira, que reside em Deus. Algumas pessoas têm medo do purgatório, por associá-lo à ideia de um lugar de sofrimento. Mas a dor do purgatório é dor de amor. É o sofrimento próprio dos apaixonados. É a dor de quem encontra o seu grande amor e não pode, por enquanto, lançar-se inteiramente nele. Creio que o purgatório não é lugar de tristeza, mas de alegria. Alegria de quem descobriu o grande tesouro, a razão da sua vida, mas sofre a espera pelo momento em que vai poder possuí-lo ou se deixar possuir por ele.

Alguns teólogos defendem que na hora da morte a pessoa tem uma visão total do amor de Deus. E, impulsionado por essa visão de Deus, acaba por se ver exatamente como é. Enxerga a sua vida inteira, assim como Deus a vê. Finalmente, se conhece. E conhecendo-se, finalmente conhece a Deus. E encontra a verdadeira felicidade. Como diz São Paulo, “hoje vemos como que por um espelho, mas então veremos face a face e conheceremos como somos conhecidos”.

Quanto tempo isso dura? Isso não sei. Mas tenho para mim que a visão da face de Deus e a consciência total do seu amor infinito é tão arrebatadora que, ao descobri-la, ser privado dessa presença, ainda que por apenas um segundo, deve produzir a sensação de uma espera que beira à eternidade.

Essa dor de amor nos prepara para viver a eternidade, nos faz voltar a ser criança. Aquela criança original, que via a face de Deus a cada momento e se encantava com todas as peripécias, nuances, cores e flores, que o amoroso Pai faz todos os dias para fazer seu filho feliz. Ou melhor... santo.

Alexandre Santos